

CRÍTICAS

nasci com passaporte de turista

ALVES REDOL

(Lisboa, 1940)

O novo livro de Alves Redol acentua uma evolução da disputa entre os defensores da arte pela arte e os defensores do neo-realismo. Durante muito tempo a batalha travou-se no campo doutrinário e teorizante. Agora, que a polémica crítica esmoreceu, parece ter chegado a vez das realizações. Desde que os ensaios iniciais perderam a oportunidade, essas realizações não podem ser senão experiências decisivas e de plenitude. Isto se torna ainda mais de exigir no caso de Redol, que tem atrás de si uma obra (*Glória*, 1938; *Gaibéus*, 1939) que não lhe permitiria já nem vacilações nem precipitações. Não é, pois, só a situação especial do novo livro no movimento literário português, é também a sua posição na obra do próprio autor que obriga a crítica a escolher o facto como carregado de significação especial.

«Nasci com passaporte de turista» não pode ser avaliado independentemente da peleja crítica que o precedeu e é por isso que temos de reavivar um pouco o que então se disse, para melhor integrar esta obra de contos no seu ambiente valorativo. Tanto mais isso é justificado quanto é certo que o que impôs o nome do autor ao público foi essa ligação entre a sua obra e a querela que tantas atenções despertara. Somos por isso tentados a saber de que maneira ela corresponde à expectativa formada e a aproveitar a ocasião para revêr a teoria à luz das suas conseqüências.

O presencismo fôra uma reacção salutar contra a insinceridade e o artificial que dominavam as nossas letras. O seu primeiro grito de guerra fôra o pregão de uma «arte viva», lançado por Régio desde o primeiro número da revista. Embora o movimento se tivesse firmado sobretudo como poético, êsse desejo de arte viva pretendia abranger o domínio de tôdas as expressões artísticas. Outro traço que definia o presencismo era a preocupação de que a arte

reflectisse um certo character sério da missão do escritor e um certo nível cultural que dela andava, por vezes, bastante arreio. Estas duas características congregam-se para afirmar na arte, não um mero prazer dos sentidos, mas um valor humano geral que na concepção presencista lhe ficava sendo inerente. Foi tirando as últimas conseqüências dêstes dois aspectos dêsse movimento que os neo-realistas se chocaram com o subjectivismo e o indifferntismo social que também o caracterizavam.

O neo-realismo, por sua vez, não pretendia ser uma forma de erudição da vida prática, uma espécie de anatomia da realidade. Propunha-se, sem dúvida, não isolar os homens dos seus ambientes históricos, não os descrever nem recrear fora dos seus horizontes naturais, mas não concebia de maneira alguma a arte como uma cronologia do cotidiano. O artista não pode desempenhar o papel passivo de anotador do que vê; há-de comunicar alguma coisa da sua sensibilidade à narração, há-de fazer a montagem artística do real, e é isso, em última análise, a pedra de toque do seu valor.

Mas o neo-realismo caracterizava-se ainda por englobar nma atitude romântica, desfazendo assim a antítese histórica das duas escolas. Todavia, note se bem, o romantismo do novo movimento não era uma tendência para deturpar a realidade, vestindo-a de ouropéis estetisantes arrancados da imaginação do artista. O neo-romantismo realista não procura descrever os factos de acôrdo com os sonhos agradáveis e fantásticos de cada autor; êle propôs-se apenas descrever os sonhos dos seus personagens concretos; não pretende substituir a realidade pela fantasia (e por isso se chama realismo), mas descreve a labuta dos homens que procuram fazer da vida um sonho, com exaltação e «temperatura» humanística (e por isso se chama romantismo).

Como se insere o novo livro de Redol no ambiente que vimos de evocar? Na sua obra anterior, *Gaibéus*, reflectia-se muito pouco a tendência romântica e isso talvez em parte porque o próprio ambiente romançado a não fornecia, dada a adaptação dos